

# HERÁCLITO E PROUDHON: O MOVIMENTO

Carlíane de Menezes Sousa<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta investigação se delimita na busca das paridades do movimento dialético de Heráclito de Éfeso (535 a.C. - 475 a.C.) e de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Trata-se, portanto, de indicar a afinidade entre o pensamento de um filósofo da antiguidade e outro da modernidade, que são capazes de combinar o movimento do devir, da identidade e não-identidade, isto é, da unidade antagônica. Heráclito foi o primeiro a conceber a realidade como síntese de contrários, reconhecer isso, é afirmar que só há conhecimento a partir da *guerra* dos opostos. A série Proudhoniana é a contraposição de duas unidades: uma tese e uma antítese; o sim e o não; o eu e o não-eu. Proudhon utiliza os opostos como um processo imanente à vida, um paradoxo não apenas inerente ao domínio do pensamento, mas também, a realidade do ser, da sociedade e do universo. Destarte, como conciliar junto ao *logos* as atividades da consciência que se confrontam na *physis*?

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialética serial. Filosofia antiga. Modernidade. *Pólemos*.

## RESUMEN

Esta investigación se delimita en la búsqueda de las paridades del movimiento dialéctico de Heráclito de Éfeso (535 a. C. - 475 a. C.) y de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Se trata, pues, de indicar la afinidad entre el pensamiento de un filósofo de la antigüedad y otro de la modernidad, que son capaces de combinar el movimiento del devenir, de la identidad y no identidad, es decir, de la unidad antagónica. Heráclito fue el primero en concebir la realidad como síntesis de contrarios,

---

<sup>1</sup> Bacharela em Filosofia. Vínculo profissional ou acadêmico: UECE e-mail para contato: carlianeidear@gmail.com

reconocer eso, es afirmar que sólo hay conocimiento a partir de la guerra de los opuestos. La serie Proudhoniana es la contraposición de dos unidades: una tesis y una antítesis; el sí y el no; el yo y el no-yo. Proudhon utiliza los opuestos como un proceso inmanente a la vida, una paradoja no sólo inherente al dominio del pensamiento, sino también a la realidad del Ser, de la sociedad y del universo. Siendo así, ¿Cómo conciliar junto al logos las actividades de la conciencia que se enfrentan en la physis?

**PALABRAS CLAVE:** Dialéctica serial. Filosofía antigua. Modernidad. *Pólemos*.

## 1. Introdução

O problema da Modernidade em ter definido o próprio homem como sujeito trouxe grandes consequências para a reflexão filosófica e política. Com isso, tornou a prática da liberdade inseparável da ordem da razão. Os entusiastas das luzes, cada qual a sua maneira, atribuíram a ideia do sujeito detentor do conhecimento, através um estatuto racional e intelectual, com isso o sujeito torna-se um alvo consciente, em vez de um objeto do saber de uma representação entre filosofia e ciências empíricas e como progresso do saber em todas as épocas. A filosofia Moderna fez do pensamento um puro ato recognitivo, uma faculdade “reconhecadora” dos valores dados no mundo, em vez disso, a proposta da pesquisa é sinalizar a humanidade não somente como sujeito condicionado ao conhecimento mas descrevê-lo sob uma vida nômade<sup>2</sup> em oposição às filosofias “sedentárias” de formas eternas como a de Parmênides e Platão, pois o mundo não é um lugar de permanência e estabilidade, é um fluxo, um vir-a-ser perpétuo.

Esta investigação se debruça na prolixa discussão do ser e do não-ser diante do *logos*<sup>3</sup> na *physis*<sup>4</sup>, através de proximidades dialéticas entre Heráclito e Proudhon. Decerto, é explícito nas linhas que seguem, a possibilidade de que somos afetados por objetos externos, especialmente quando resgatadas antes do *logos*, pois as atividades hiatas do entendimento também competem à

---

<sup>2</sup> “*Nomos*. Palavra grega que, em seu posterior percurso, remete a um mesmo tempo à lei, à propriedade e a divisão de territórios. Três razões para rejeitar uma noção que, através da autonomia/heteronomia dos pares, vem infectar o próprio pensamento libertário, sugerindo que a autonomia poderia constituir na rejeição de uma lei externa para se dar a si mesmo, então toda lei vem necessariamente de fora (...) a palavra *nomos* tem, contudo, uma origem muito diferente, uma origem nômade, oposta a qualquer lei, a qualquer, propriedade(...). Na sua origem, *nomos* e seus derivados designam os espaços de pastagem sem cercas ou limites e aqueles que atravessam essas pastagens com os rebanhos. [...] neste sentido, ele se opõe à lei, ou à Pólis.” (Colson, 2003, p. 174)

<sup>3</sup> Em grego λόγος (*logos*), significa a princípio palavra, escrita ou falada, o verbo. Passa a ter um conceito filosófico interpretado como razão. Heráclito foi um dos primeiros a usar essa palavra em seus escritos, todavia, não tinha o significado muito diferente dos filósofos de sua época.

<sup>4</sup> Do grego Φύσις (*physis*), todavia, a interpretação é diferente para cada época. No período Moderno foi engendrada com bases epistemológicas diante da política e produção capitalista, logo, torna-se intervencionista (desenvolvimentista, tecnológica), ao contrário do período antigo, analisada como espanto (de onde vem? Para onde vai? Por quê transforma-se?). A relação homem-natureza, hoje, é a afirmação do primeiro sobre o segundo.

natureza e ultrapassam o pensamento puro. A lógica não principia quando feita a exposição, nossa consciência identifica-se, absorve-se, imobiliza-se e apreende sua essência nos primeiros momentos de sua atividade, ou seja, organiza, portanto, faz uma análise serial.

A filosofia não se depara com algo vazio, ela organiza, dá ordem ao indeterminado, dessa maneira, a proposta dos autores aludidos nesse artigo, é romper a estrutura rígida do pensar, buscar uma mediação que implique em faculdades e abdique o pensamento como simples exposição conceituada e apresente um sujeito que pensa porque se confronta com o determinado.

Está demarcado no desenvolvimento dessa pesquisa, que Heráclito dispõe a ordem do mundo e da natureza de acordo com a lógica do cosmos, na qual o homem está incluído e também vive sob suas leis naturais, inaugura com a concepção dos opostos como um *caminho*<sup>5</sup> para a infinda transformação. Nessa perspectiva, o pensamento proudhoniano, que não trata de fazer metafísica<sup>6</sup>, é claramente uma expressão de multiplicidade, contida nos elementos que resultam a vida, o movimento do universo e a antinomia<sup>7</sup>.

Diante do exposto, faz-se refletir: como a atividade do pensamento não se encerra no interior do pensamento? Tudo se opera pelo *logos*? Como conciliar as atividades da consciência diante da *physis*? A interpretação filosófica cede lugar para as tensões da prática.

## 2. O misantropo

---

<sup>5</sup> Tem origem da palavra grega οδός (hódos), que também pode ser interpretado como: via, direção. Composta por μετά (metá) forma-se μέθοδος (métodus), portanto, apresentar um método é seguir um caminho, logo, faz-se dialética (disposta à análise assim como a análise está para a série).

<sup>6</sup> Como independente da realidade ou como princípios últimos e primeiros, afinal de contas, não é Deus que explica tudo que é.

<sup>7</sup> "Antinomia, literalmente, *contra lei*, quer dizer oposição no princípio ou antagonismo na relação, como a contradição ou *antilogia*, indica oposição, contrariedade no discurso(...). A antinomia é a concepção duma lei de face dupla, uma positiva, a outra negativa(...). A antinomia não fez mais do que exprimir um fato, e impõe-se imperiosamente ao espírito: a contradição propriamente dita é um absurdo. Esta distinção entre antinomia (contra lei) e a contradição (contra-dição) mostra em que sentido se pode dizer que num certo número de ideias e de fatos, o argumento da contradição já não tem o mesmo valor que em matemática. Em matemática, é regra sendo demonstrada uma proposição como falsa, a proposição inversa é verdadeira, e reciprocamente. Tal é mesmo o grande meio de demonstração matemática. Em economia social, já não acontecerá do mesmo modo (...). Resulta, como se disse com uma ênfase bastante ridícula, que tova [estreita] a verdade, toda a ideia, provém duma contradição? (...). Esta tagarelice é digna de sofistas(...). Como a antinomia, logo que é menosprezada, conduz infalivelmente à contradição, foram tomadas uma pela outra, sobretudo em francês, em que se gosta da coisa pelos seus efeitos. Mas nem a contradição, nem a antinomia que a análise descobre no fundo de qualquer ideia simples, é o princípio verdadeiro. A contradição é sempre sinônimo; quanto à antinomia, a que chamam por vezes o mesmo nome, ela é, com efeito, a precursora da verdade a quem ela fornece por assim dizer a matéria; mas ela não é a verdade, e, considerada em si própria, ela é a causa eficiente da desordem (...). A antinomia compõe-se de dois termos, necessários um ao outro, mas sempre opostos(...). O primeiro destes termos recebeu o nome de tese, posição, e o segundo, o de antítese, contraposição(...). A resolução de duas ideias antitéticas numa terceira de ordem superior é o que a escola chama síntese." (PROUDHON, 2003, p. 134-135).

Heráclito é proveniente de Éfeso, uma pequena colônia grega da Ásia Menor, teria florescido com aproximadamente entre 504 – 501 a.C, no período da 69ª olimpíada. Sua obra está constituída por um conjunto de aforismos denominada “Da natureza”, assim como a maioria dos títulos de sua época. Ficou conhecido como “o obscuro”, por ter uma escrita e uma fala de difícil compreensão. Ao saber que estava doente, passou a viver nas montanhas, se alimentando de ervas e plantas, contudo, morre de hidropisia.

Heráclito se recusou a fazer leis para Efésios, “porque a cidade já estava submetida a uma constituição má” (DIÓGENES, 1987, p. 251) preferindo brincar com as crianças no templo de Ártemis. Diógenes afirma que Heráclito “era o mais altivo que qualquer outro homem, e olhava para todos com desdém” (Idem, p. 251). Heráclito era autodidata, mesmo porque “Heráclito era orgulhoso: e quando em um filósofo, há orgulho, é um grande orgulho”. (NIETZSCHE, 1987, p.109), todavia Diógenes lembra: “Heráclito era discípulo de Xenófanés (Ibid., p. 252), que ficou conhecido como relapso, deixou sua cidade, Jônia (atual costa ocidental da Turquia) para uma vida errante em Sicília e Eléia, escrevendo em oposição a Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes; destaca-se pelo combate ao antropomorfismo, para tanto ridiculariza a filosofia de Homero e Hesíodo. Heráclito perpassa com as críticas e ensinamentos de seu mestre: “Muito saber não ensina sabedoria, se não tinha ensinado a Hesíodo e Pitágoras, a Xenófanés e Hecateu” (Frag. 40). “Este Homero deve ser expulso dos concursos e bastonado<sup>8</sup>, este Arquíloco também”. (Frag. 42).<sup>9</sup>

Eis em linhas gerais sua “doutrina”: tudo se forma a partir do fogo e nele se dispõe; tudo nasce conforme um destino, e por direções contrárias se harmonizam. Dos contrários o que leva a criação chama-se guerra. Essa discórdia leva ao conflito e ao repouso, esse caminho é para cima e para baixo. Ainda sólido, o fogo torna-se úmido, e com mais consistência torna-se água, e esta, solidifica-se passa a terra, este é o caminho para baixo. De modo contrário, a terra se derrete e se transforma em água, assim formam-se as outras coisas, inclusive o mar, e sua evaporação é o caminho para cima.

### 3. O anarquista

---

<sup>8</sup> A melhor tradução seria: Açoitado, todavia, a expressão ao pé da letra quer dizer: apanhar com bastão.

<sup>9</sup> Excepcionalmente neste parágrafo os fragmentos foram retirados da obra: HERÁCLITO, ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES. *Os pensadores originários*. Tradução: Emanuel Carneiro de Leão. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1991. Os outros fragmentos aqui expostos, foram retirados da obra da coleção Os Pensadores.

Pierre Joseph Proudhon nasce em 1809 e cresce sob plena tirania napoleônica em Besançon, subúrbio de Paris, com sua mãe, cozinheira e o pai, vinhateiro, uma família realmente plebeia. Apesar de ter trabalhado no campo, tipógrafo era sua profissão, também trabalhou numa empresa de navegação fluvial adquirindo experiência com processos burocráticos. Conhece sua mulher, uma operária com quem teve quatro filhas. Foi preso político durante três anos por ultraje à religião e a moral. Tentaria criar um banco operário, semelhante em alguns aspectos, às atuais cooperativas de crédito que beneficia os trabalhadores com empréstimos sem juros, seus projetos era unir a indústria e a agricultura numa “federação agrícola e industrial” baseada no princípio federativo que o levou a criar uma “confederação mutualista”. (ARVON, 1981, p. 49-58). A ideia foi malsucedida por causa da astúcia dos capitalistas e acionistas que incorporariam imposição de juros em seus empréstimos. Exilado em Paris conhece Aleksandr Herzen, Mikjail Bakunin, Karl Grün e Karl Marx adquirindo conhecimento sobre a filosofia alemã de Kant e Hegel<sup>10</sup>. Aos cinquenta e seis anos, apesar da morte precoce, deixa trinta e três obras publicadas, quinze obras póstumas, além das memórias, cartas, *carnets* e jornais, Em suma Proudhon foi:

Camponês de origem e operário por condição, trabalhador manual de origem e intelectual por ascensão, praticante por profissão e teórico por vocação, pragmático por temperamento e moralista por caráter, economista e sociólogo por observação, político e educador por indução, Proudhon aparece como microcosmo do povo francês. (TRINDADE, 2001, p. 15)

“A propriedade é um roubo!”, essa é a afirmação mais conhecida de Proudhon, está na obra de 1840, sua primeira memória e o maior trabalho: *Qu'est-ce que la Propriété?* [O que é a propriedade]. Nessa obra não nega ao se nominar anarquista:

-Sois um republicano?  
-Republicano, sim; mas essa palavra não diz nada. *Res publica*; é a coisa pública, quem quer que almeje a coisa pública, não importa que sob forma de governo, pode dizer-se republicano. Os reis também são republicanos.  
- Então sois democrata?  
-Não.

---

<sup>10</sup>“Enquanto Hegel aceitava três termos, Proudhon aceitava só dois; mas esse dois permaneciam constantemente face a face, enquanto Hegel coloca a oposição para “sobrepassá-la” depois. Para Hegel o ponto final é a “síntese”, enquanto que para Proudhon há um equilíbrio entre as oposições, mas um equilíbrio dinâmico, ora rompido novamente, ora perdurável ou não. O terceiro aspecto consiste em aceitar Hegel a Ideia como puramente imanente ao processo dialético, enquanto Proudhon, aceitava princípio transcendente, que dominava o devir, a ação de um princípio superior, capaz de transformar em equilíbrio a antinomia persistente, (no terreno social), isto é, capaz de tornar essa antinomia equilibrada perduravelmente. Dizia Marx, e os marxistas repetem, que Proudhon dele aprendeu a dialética. No entanto, Proudhon antes de conhece-lo, já escrevera, em sua “Création de l’ordre”: os factos ternários(...) “A fórmula hegeliana é uma triada pelo prazer ou pelo erro do mestre, que conta três termos, lá onde, na verdade, só existem dois, e que não viu que não se resolve a antinomia, mas que ela indica uma oscilação ou antagonismo susceptíveis somente de equilíbrio. Sob este ponto de vista, o sistema de Hegel deve ser refeito totalmente.” (SANTOS, 1959, p.105)

-Como?! Sereis por acaso monarquista?

-Não.

-Constitucional?

-Deus me livre!

-Sois então aristocrata?

-De forma alguma!

-Aspirais a um governo misto?

-Menos ainda.

-Que sois então?

-Sou anarquista.

-Entendo: estais satirizando o governo. -De modo algum: acabas de ouvir minha profissão de fé, séria e maduramente refletida; embora muito amigo da ordem sou, em toda força da expressão, anarquista. Ouvi-me.

(PROUDHON, 1988, p.233)

Decerto, pela sua vida humilde, como admitiria na obra: "Filosofia da miséria": "eu sei o que é a miséria. Eu já a vivi.", demonstra sua relação com a teoria e a prática ao falar do camponês à elite latifundiária, mesmo porque, para ele, a realidade não é um ideal, é vital.

Em 1843 publica *De la Création de l'Ordre dans l'Humanité, ó Principes d'Organisation Politique*. [A criação da ordem na humanidade ou Princípios de organização política]. Critica a ontologia, a sofística, os poderes mal definidos, instituições falhas, leis equivocadas e falsas ciências, não critica exatamente o filósofo, o sacerdote, são só nomes abstratos que usa apenas para descrever a situação através do seu ponto de vista. Não fugira também do problema da teoria do conhecimento, apontando como entrave a redução de um único ponto de vista, ou seja, aquelas ideias cuja verdade se apoia numa estrutura lógica onde o significado dos fatos são inerentes ao problema e quanto a dificuldade de distinção de teorias científicas e não-científicas, o que um século mais tarde seria o problema da indução e demarcação. Analisa superficialmente a física, economia, astronomia, religião, linguagem, moral, economia política, biologia, matemática, sociologia, zoologia, gramática, sob a observação do progresso, "marcha ascensional do espírito em direção à Ciência" como indispensável à descoberta de ordem, através de um elemento comum: a lei serial, unidades em oposições equilibradas.

#### 4. A dialética nada obscura

Na obra do Osho intitulada "A harmonia oculta" afirma que "ele (Heráclito) não é obscuro. Compreendê-lo é difícil; para entendê-lo será necessário um tipo diferente de ser—esse é o problema." Heráclito era julgado como louco por ser diferente dos outros gregos. É comum

chamá-lo de obscuro, por ser difícil compreendê-lo, pois falava em forma de aforismos, entretanto como aludido:

Ele não é obscuro! Você é que está abaixo do nível de ser no qual ele pode ser compreendido. Quando você alcança esse nível de ser, subitamente toda a escuridão que o envolvia desaparece. Ele se torna um dos seres mais luminosos; não é obscuro, não é absolutamente obscuro — é você que está cego. Lembre-se sempre disso, porque se disser que ele é obscuro, estará jogando a responsabilidade sobre ele e tentando fugir de uma transformação possível, através da qual pode encontrá-lo. Não diga que ele é obscuro. Diga: "Somos cegos" ou: "Nossos olhos estão fechados". (OSHO, 1982, p. 11)

Para Heráclito o *lógos* se dá a partir da luta (*pólemos*) dos contrários, ou seja, da unidade das diferenças, essa unidade é o devir, o movimento. "A guerra é o pai de todas as coisas; e de todas o rei". (Frag 53). A luta, que é movimento, é nomeada por Proudhon como *causa*, "força primitiva que determina mudar de estado, uma produção de ordem e desordem" (PROUDHON, s/d. p.7). *Verbo* para Proudhon é movimento da vida, signo da ação; ambos apontam o *logos* através da unidade das oposições, de modo que é a unidade nas mudanças e as tensões que conduzem para a realidade, para o paradoxo da vida.

"Eles não compreendem como separando-se podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira." (Frag.51). Delineia Proudhon: "As relações das coisas, da ordem, da desordem, do belo, do feio, do bem, do mal, quando se presta a observação do homem, constitui o objeto de sua ciência." (PROUDHON, s/d, p.6). A antinomia não se resolve, sendo que "a menor série possível contém pelo menos duas unidades: uma tese e uma antítese, uma alternância, um balanço, os opostos, os extremos, a polaridade, o equilíbrio, o bem e o mal, o sim e o não, o eu e o não-eu." (PROUDHON, s/d, p. 136). Diante desse aspecto, compreende-se que o *logos* é melhor captado quando se pensa em conformidade com o processo, que é o resultado da negação determinada entre o ser e o não-ser. Assegura Proudhon:

É possível negar o dualismo que vemos brilhar em toda parte no mundo? -Não. É possível negar a progressão dos seres? -Não, novamente. Ora, conhecida a lei dessa progressão e dado o último termo, é uma necessidade da razão que exista um primeiro termo e que esse primeiro termo seja antípoda do último. Assim o ser infinito, o grande tudo, *in quo vivimus, movemur et sumus* (no qual vivemos, nos movemos e somos), o gênero supremo, do qual o homem tende incessantemente se livrar e ao qual se opõe como seu antagonista, essa essência eterna, enfim, não seria o absoluto dos filósofos: como o homem, seu adversário, ela só existiria também por sua distinção em eu e não-eu, sujeito e objeto,

alma e corpo, espírito e matéria, ou seja, sob dois aspectos genéricos, também em oposição diametral. (PROUDHON, 2003. p. 184-185)

Heráclito ressalta a contribuição do *logos* com a passagem: "É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras [logos], reconheçam que todas as coisas são um". (Frag. 50). Nesse ângulo, aponta Proudhon (s/d. p. 139): "A relação das unidades é justamente a razão da série." Todas as coisas apesar de aparentemente ser múltiplas e totalmente distintas, estão realmente unidas num complexo coerente, ou seja, em uma unidade. Essa é a verdadeira constituição das coisas, uma conexão invisível dos contrários: "A harmonia invisível é mais forte que a visível." (Frag 54). Um exemplo dessa força é "o conceito de unidade e pluralidade, juntas produzem a de *totalidade*. A realidade e a negação, equilibradas uma na outra, dão ideia de *limite*." (PROUDHON, s/d, p. 177). Repousa assim o postulado da identidade das leis que regem o mundo, um paradoxo infundável que organiza e divide.

Para Proudhon, "o *eu* é uno, idêntico e indivisível (...) dá a ideia de substância e causa (s/d, p.232) assim como o *não-eu*, substancial e causativo" (s/d, p.250), assim sendo, tanto o *eu* quanto o *não-eu*, são anti-seriais, mesmo porque "a lei serial exclui toda ideia de substância e causa, embora reconheça sua realidade objetiva: indica uma relação de igualdade, de progressão ou semelhança, não de influência ou de continuidade" (s/d, p. 197).

Dito isto, chamo atenção ao fato de um possível equívoco quanto a interpretação dos fragmentos de Heráclito. Apesar do contraste com Parmênides, Heráclito não afirmava nem o não-ser, muito menos o ser. "O ser não é mais que o não-ser", nem é menos; ou ser e nada são o mesmo, a essência é mudança. O verdadeiro é apenas como a unidade dos opostos." (Frag.12/91) Deixar de afirmar um não significa negar o outro, mesmo porque o devir do "Tudo flui (*panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo" não afirma nem um nem o outro. O verdadeiro é a unidade dos opostos, nesta unidade temos o ser e o não-ser, o surgir e o esconder.

A série, ocupa-se com o aperfeiçoamento, na transformação do homem, como ele possui, adquire, perde e renova: "Este mundo igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez, sempre foi e sempre será um fogo eternamente vivo, ascendendo-se e apagando-se conforme a medida". (Frag. 30). Nessa passagem Heráclito vai de contra a um neopaganismo, ambos não ensinam uma doutrina, um panteísmo. Proudhon também critica a tradição de sua época:

"sociedade incrédula: *Gloria in altissimis Deos; Hosanna, Alleluia*". (s/d, p.197). Mais adiante: "A Europa está hoje centralizada porque seus moradores estão batizados em nome do pai, do filho e do espírito santo". (s/d. p. 351). O fragmento supracitado vem a lume no que Proudhon compreende a ciência econômica<sup>11</sup> como também organizada sob medida:

O trabalho, campo de observação da economia política, considerando: 1º subjetivamente o trabalhador, 2º objetivamente a matéria de produção, sinteticamente a distribuição dos empregos e repartição dos salários, 4º historicamente em suas determinações científicas. O trabalho é uma força plástica da sociedade, o tipo de ideia que determina as diversas fases do seu crescimento e por consequência do seu organismo, tanto interno como externo. Em suma, a sociedade é uma série composta ou sistemática. (PROUDHON, s/d, p.378-379)

Não se trata de caminhar rumo a perfeição, mesmo porque "as ideias de *inteligência* e de *causa final* são estranhas a concepção de ordem" (PROUDHON, s/d, p.5), assim como aclara os comentadores do Proudhon ao explicar a recusa do autor para com a síntese, ou melhor, com a ideia de causalidade:

Pedem-me para concluir! (...). A conclusão é meu livro: mas os leitores não sabem vê-la ali...pedem-me a síntese(...). A síntese ainda está em meu livro: é um conjunto de contradições, consideradas de bem alto, para que desapareçam as anomalias e para que se perceba a ordem eterna, que devemos realizar cada vez mais. (MENEZES, 1966, p. 34)

A questão é organizar os fenômenos em diferentes pontos de vista, um exemplo é a sociedade, que é composta e organizada por séries, nessa perspectiva Proudhon explicita ordenadamente:

#### CIÊNCIA ECONÔMICA



| <i>Ponto de vista do trabalho</i> | <i>Fases do progresso</i> | <i>Ordem social</i> |
|-----------------------------------|---------------------------|---------------------|
| 1- o homem                        | movimento orgânico        | poder consultar     |
| 2- a matéria                      | movimento industrial      | poder administrar   |
| 3- a justiça                      | movimento legislativo     | poder arbitrar      |
| 4 -a metafísica                   | movimento universitário   | poder ensinar       |

<sup>11</sup> "O não-eu, dizia um filósofo, é o eu que se objetiva, que se opõe a si mesmo e que se toma por outro; o sujeito e o objeto são idênticos. A igual a A. Esse princípio, que serve de base a todo sistema de filosofia e que na especulação se pode ainda considerar como verdadeiro, é também o ponto de partida da ciência econômica." (Proudhon, 2003, p. 301)

Desse modo, propõe o *equilíbrio* dos poderes (organizações sociais), que têm sua “própria combinação regular de forças, “produz-se então, alguma coisa bem-disposta, que tudo unifica”. Conferindo as séries sob disposições as quais os fenômenos surgem, existem, são mantidos e transformados, assegurando por meio do fio da mudança, oscilação e aperfeiçoamento, um progresso contínuo, e “progresso diz necessariamente sucessão, traslado, crescimento, passo, em suma, multiplicação, diferença, série, enfim, um movimento contínuo.” (PROUDHON, s/d, p.105). Tudo está homologado, tudo é um. Explicitam os comentadores de Proudhon:

Essa lei [serial] entrevistada desde o começo do mundo. O Eterno, nos diz o Genesis, criou os animais e as plantas, cada um segundo seu gênero e sua espécie. Mas, sempre ocultada em parte, seja pelo misticismo da fé, seja pelos sofismas da razão, a lei serial está hoje às vésperas de uma emersão total. Todos os poderes do espírito humano convergem nessa direção. (RESENDE & PASSETI, 1986, p. 49)

Como aludido, a série negligencia os absolutos, ou seja, os Universais para apropriar-se apenas das correspondências que a serialização visa multiplicar. A série é a maneira como as coisas se geram, relacionam, dissolvem, de modo geral, como se transforma a natureza. Trata-se de um movimento com discurso avesso ao saber puro, como um saber teórico dissociado de uma prática efetiva, onde a realidade humana está envolvida num movimento dialético sem fim, guiado apenas pela natureza.

Como citado, a série adota a ordem eterna das coisas para que ultrapasse as práticas usurpadoras sociais vigentes, incapaz de produzir modos de existir estético e singular, que viabilize uma unidade que proporcione uma espécie de vida dupla: um saber articulado e organizado, uma vida despotencializada, rumo ao “homem, sua história, seus pensamentos, opiniões, costumes, virtudes e delitos, trabalhos e loucuras”. (PROUDHON, s/d, p. 119). A serialização é inimiga da existência vinculada a modos de vida ética que não pensa em atividades criadoras e que reinventa a existência. “Denomino ordem toda disposição seriada e simétrica” (PROUDHON, s/d, p. 5). O movimento não se submete aos valores pré-estabelecidos, não julga objetos previamente constituídos, sequer, genericamente classificados por categorias integrais, dessa forma é preciso esclarecer o pondo de vista (princípio de classificação) da série:

“1º distinguindo a série artificial<sup>12</sup> e natural<sup>13</sup>, e estando prevenidos contra o perigo das transposições, 2º reduzindo a seu justo valor as induções tiradas da semelhança exterior, 3º fixando o papel meramente abreviador da série lógica(...). Essas são as três origens do erro, de um mesmo vício do intelecto, a confusão das séries, compreendem toda classe de sofismas, paralogismo, ilusões e alucinações.” (PROUDHON, s/d, p. 378-379)

Segundo o autor, essas são as principais dificuldades a serem evitadas em classificações e métodos e que o entendimento deve ser a condição de existência da série, buscando sempre a melodia, a harmonia, cadência, ritmo. A série não é um método de invenção, não é sofisma, é uma demonstração da realidade, ou seja, de verdades, descobrir a série é determinar seu ponto de vista. A série é evidente ou demonstrativa, um fio que conduz, “a realidade das coisas, jamais encontram-se em perfeita estabilidade com a razão” (PROUDHON, s/d, p. 156)

É impossível escrever em linhas gerais a filosofia de Proudhon, porque ao contrário de Heráclito, deixara um vasto material bibliográfico, todavia há um pensamento que resulta o universo e a vida:

Imagine um momento em que o universo é um todo homogêneo idêntico, indiferenciado, um caos por assim dizer: a criação nos aparecerá sob a ideia de separação, distinção, circunscrição, diferença; a ordem será a série, ou seja, a figura das leis, das relações, segundo as quais cada ser criado se separará do todo indiviso. Qualquer que seja, a natureza divisora e a natureza dividida, a causa eficiente e a matéria, o agente e o paciente, não pode negar e afirmar nada de um nem do outro. A mente os supõe involuntariamente e joga contra eles: inicia a inteligência. Esta inteligência começa a revelar uma realidade substancial e uma realidade causante, e então veremos como, sem nunca conhecê-los, podemos adquirir a certeza de ambas as realidades. No entanto, nossa ciência menos limitada a observação da ordem, das relações e das leis: conseqüentemente, toda discussão sobre a eficácia da causa primeira para produzir essa extração e o modo do ato criador, sobre a identidade ou não-identidade da força produtora e da coisa produzida, da causa e do fenômeno, do eu e do não-eu, deve ser excluída da ciência [método e relação] e abandonada da religião[fé] e da filosofia [causa e efeitos]. (s/d, p. 12)

Ao afirmar que a mente supõe involuntariamente, indica uma espontaneidade da razão, todavia, carrega consigo o problema das demonstrações “a priori”, é como crer na credibilidade ao dogma. A priori é “um horror de uma imagem inexata da realidade. Uma relação mal compreendida, uma lei mal formulada.” (s/d, p. 90). Dessa maneira, o *a priori* é irrecusável à análise serial. Heráclito também considerou que a *sensação* não é digna de confiança: “más testemunhas...eles têm

---

<sup>12</sup> Quando se move do seu próprio objeto para um objeto estranho. A maior parte dos produtos de arte e da indústria são seres artificiais. As faixas simétricas de uma plateia, uma coleção bibliográfica colocada em ordem alfabética, um grupo de homens alinhados segundo uma escultura, são séries artificiais. Deve auxiliar a série natural. É uma invenção da indústria humana usada para nossa comodidade e satisfação.

<sup>13</sup> Quando é própria e especial ao objeto, quando resulta da sua natureza e suas propriedades. É expressão de uma lei, ou seja, é o princípio mesmo que o objeto está sujeito. Uma expressão coletiva, uma necessidade.

(Frag.107); com isso quer dizer que é próprio das almas bárbaras confiar em sensações sem razão [logos], ou seja, partindo da sensação é possível se chegar a faculdade da razão, assim sendo, com a luta dessas antinomias, seria plausível seguir com o conhecimento da verdade como um labirinto *hasta lo infinito*.

## 5. Conclusão

Qual a significação do movimento que acabamos de descrever? Escrevera Proudhon no parágrafo 522 da obra "A criação da ordem na humanidade ou princípios de organização política". Nessa pesquisa, não abordamos apenas as semelhanças do movimento dialético entre Heráclito e Proudhon, decorreu-se também sobre a similitude da presença de dois pensadores com mais de treze séculos de diferença.

Assim como Heráclito, Proudhon, contraria o óbvio e rompe o evidente em seu tempo, os dois negam quase tudo que suas épocas afirmam zelosamente, afinal de contas, são filhos de seu tempo, assim sendo, Heráclito não poderia fugir da busca da unidade, Proudhon por sua vez, não fugira do discurso sobre o antagonismo. Ambos, com um tipo muito singular de escrita, surpreendem com uma linguagem que atribui unidades de sentido autônomo e pleno diante do caráter simbólico da natureza.

A proposta que vai de contra ao Platão de Parmênides, que sempre busca a solução das aporias, verifica que harmonia está para Heráclito assim como está para Proudhon, revelando um arranjo mediado pelo *logos*, evocando a dialética heraclítica com o movimento para cima e para baixo e não como um espiral que busca a perfeição com a síntese, esta por sua vez, é artificial, contra a vida e a realidade. Ora, a solução antinômica é impossível, porque é justamente da luta da oposição como confrontação recíproca que nasce o elemento da vida, a série da força: o movimento.

O devir é o princípio, o movimento está aqui e agora, o ser e o não-ser não são para si, são idênticos, porque o não-ser é e não é. A organização desse paradoxo faz adquirir resistência e aperfeiçoamento rumo não ao acabado, nem ao contínuo, mas sim ao equilíbrio de uma realidade vital, contra o absoluto que não pode ser dissolvido, portanto anti-serial e contra a utopia que é contra o movimento, de modo que a relação das unidades é justamente a razão da série, este

elemento que organiza assim como a própria natureza, não é uma ilusão de óptica, é um movimento perene e disposto, uma lei suprema que rege a humanidade como uma força motriz.

Dito isso, a concepção da dialética serial de Proudhon, que estabelece a harmonia dos opostos, indica um *caminho* de recusa à síntese, contra a identidade absoluta, pois o que existe é um tempo descentralizado e em constante mudança, ou seja, não há presente, pois é simplesmente um movimento que descreve relações, é uma recusa ao *a priori*, uma negação da causalidade não de continuidade, trata-se de uma progressão numérica, um progresso seriado, a série nossa está contida na vida.

Não poderia terminar esse artigo sem a célebre frase de Heráclito: “Em um rio não se pode entrar duas vezes.” (Frag. 91) O fluxo eterno das coisas é a própria essência do mundo apontou Heráclito, e se ainda hoje ficamos “espantados” com isso, e porque nos apegamos teimosamente ao que já passou esperando no fundo que tudo permaneça igual, afinal de contas não somos educados para o incerto, então é necessário um filósofo da antiguidade e outro da modernidade para nos fazer refletir sobre nós mesmos e a natureza que nos cerca.

A vida é um paradoxo, uma eterna antinomia: como num mundo que tem tanta riqueza há tanta miséria? O universo caminha num ritmo centrífugo, não é contínuo, se não seríamos imortais, a natureza é vasta e não obedece nossas exigências. Sem movimento não há vida, ela é o princípio motor e como dissera Proudhon: a verdade é a vida e a vida não é uma coisa simples.

## REFERÊNCIAS

ARVON, Henri. *El anarquismo en el siglo XX*. Tradução de Ana Goldar. Madrid: Taurus, 1981.

BANCAL, Jean. *Proudhon. Pluralismo e Autogestão: os fundamentos*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo. Novos Tempos Editora, 1984.

COLSON, Daniel. *Léxico filosófico del anarquismo. De Proudhon a Deleuze*. Ed. Nueva Visión Argentina, 2003.

HERÁCLITO. ANAXIMANDRO. PARMÊNIDES. *Os pensadores originários*. Trad. Emanuel Carneiro de Leão. Petrópolis. Ed. Vozes, 1991.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: *Os Pré-Socráticos. Coleção Os Pensadores*. Trad. José Cavalcanti de Souza. São Paulo. Ed. Abril, 1989.

MENEZES, Djacir. *Proudhon, Hegel e a Dialética*. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1966.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa. Edições 70, 1987.

OSHO, *A harmonia oculta*. Tradução e revisão de Ma Prem Arsha, Ma Deva Sandhya e Ma Prem Komala. Ed. Pensamento, 1982.

PROUDHON, P-J. *Sistemas das contradições econômicas, ou, Filosofia da Miséria*. Tomo I. Trad. J. C. Morel. Coleção fundamentos da filosofia. Ed. Ícone, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sistemas das contradições econômicas, ou, Filosofia da Miséria*. Tomo II. Trad. Antônio Geraldo da Silva e Ciro Mioranza. Coleção grandes obras do pensamento universal. Ed. Escala, 2007.

\_\_\_\_\_. *De la creación del orden en la humanidad ó principios de organización política*. Trad. Marcial Busquets. Valencia, F. Sempere y Compañia Editores, s/d.

\_\_\_\_\_. *O que é a propriedade?* Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. Ed. Novas direções, 1988.

RESENDE, Paulo-Edgar. PASSETI, Edson (Org.). *A ciência enquanto modo particular de seriação: negação da ideia de substância e de causa (excertos)*. In: *Proudhon*. Ed. Ática, 1986.

SOUZA, José Cavalcante (Org.) *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Ed. Nova Cultural. 1996.

TRINDADE, Francisco. *O essencial Proudhon*. São Paulo: Imaginário, 2001.